

EDUCAÇÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA MENTAL "COMO A ESCOLA PODE OPORTUNIZAR A EDUCAÇÃO PARA CRIANÇAS DM ?"¹

CLEONICE BATISTA DE JESUS²
cleonicebatysta@hotmail.com

RESUMO: Este artigo trás à tona reflexão sobre a importância de se trabalhar de forma criativa com a pessoa com Deficiência Mental no Ensino Fundamental, pois é notória a necessidade de estudo aprofundada sobre o tema e principalmente a mudança de postura dos professores que trabalham com esses alunos para que a educação seja realmente inclusiva. A realidade escolar brasileira torna inquestionável, nos dias atuais, a afirmação de que a formação adequada do professor e sua atuação junto às crianças e suas famílias são fatores determinantes do padrão do atendimento em qualquer deficiência. Todas as crianças e, no caso da criança DM, precisam de profissionais qualificados, reconhecidos socialmente e gozando de condições de trabalho e remuneração condigna, de maneira a garantirem situações de aprendizagem eficazes e enriquecedoras. Neste ponto temos o seguinte questionamento "Como a escola pode oportunizar a educação para crianças DM ?"

Palavras – chave: Escola - Inclusão – Crianças DM

I - INTRODUÇÃO

A inclusão seja uma prática recente e ainda incipiente nas escolas, para que se possa entendê-la com maior rigor e precisão, considera-se suficiente para questionar que ética ilumina as ações na direção de uma escola de todos e para todos para "todos".

¹ Artigo apresentado no I FIEVE- Fórum Internacional de Educação de Vilhena para fins de PUBLICAÇÃO NA Revista Scientific Magazine.

² Mestre em Ciências da educação Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia Hab. Ad.Escolar Ens.Fund.e Médio pela Associação Vienaense de educação e Cultura Vilhena Rondônia (2005), Doutoranda em Ciência da Educação (2010). Orientadora Educacional da Rede Municipal de Vilhena. Atuando principalmente nos seguintes temas: formação, educação, diversidade, desafios e elaboração planos.

As ações educativas têm como eixos o convívio com as diferenças e a aprendizagem como experiência relacional, participativa, que produz sentido para o aluno, pois contempla sua subjetividade, embora construída no coletivo das salas de aula.

Os alunos vivenciam a cidadania como participação social e política, exercendo direitos e deveres e adotando, no dia-a-dia, atitudes de solidariedade, cooperação e repúdio as injustiças, respeitando o outro e exigindo para o mesmo respeito.

A Escola apresenta o objetivo de formar cidadãos capazes de atuar com competência e dignidade na sociedade, buscando eleger como objeto de ensino, conteúdo que esteja em consonância com as questões sociais que marcam cada momento histórico, cuja aprendizagem e assimilação são as considerações essenciais para que os educandos possam exercer seus direitos e deveres, visando criar condições para que os educandos desenvolvam suas capacidades e aprendam os conteúdos necessários para construir instrumentos de compreensão da realidade e de participação em relações sociais, políticas e culturais, amplas e fundamentais para o exercício da cidadania na construção de uma sociedade democrática.

Podemos observar que a Escola seja um espaço de informação, em que as aprendizagens de conteúdos devem necessariamente favorecer a inserção do aluno no dia-a-dia, as questões sociais marcantes e em um universo cultural maior.

No conteúdo escolar além das questões sociais atuais, a escola oferece também o domínio de conhecimentos, habilidades e capacidades mais amplas para que os alunos possam interpretar suas experiências de vida e defender seus interesses de classe.

A escola assume a valorização da cultura de sua comunidade, propiciando aos alunos pertencentes aos diferentes grupos sociais o acesso ao saber, tanto no que diz respeito aos conhecimentos socialmente relevantes da cultura brasileira no âmbito nacional e regional, como no que faz parte do patrimônio universal da humanidade.

Esta comunidade escolar busca instrumentalizar os educandos para participar das questões relativas à globalização, as transformações científicas e tecnológicas e as necessárias discussões éticas valorativa da sociedade, abrindo caminhos para que os educandos aprendam sobre temas normalmente excluídos que atuam propositadamente na formação de valores e atitudes de sujeitos em relação ao outro, a inclusão, a política, a economia, a sexualidade, a drogas, a saúde, ao meio ambiente, a tecnologia, etc.

Sendo assim, oportunizando o educando a vivenciar situações diversificadas que favoreçam o aprendizado, para dialogar de maneira competente com a comunidade, aprender a respeitar e a ser respeitado, a ouvir e ser ouvido, a reivindicar direitos e cumprir obrigações, a participar ativamente da vida científica, cultural, social e política do País e do mundo.

Em sua filosofia a Escola acredita que quando se trabalha unindo-se a comunidade, o aprendizado dos alunos se torna mais agradável.

Nessa perspectiva, se na educação inclusiva e séries iniciais as questões relativas a outros graus de ensino são convergentes a médio e em longo prazo – necessidade de reestruturação e revisão dos conteúdos e da organização institucional de agências formadoras do profissional polivalente – repensar um perfil do professor que esteja de acordo com as novas orientações de cunho pedagógicos e legais colocam-se como desafio urgente.

A estrutura da própria instituição educacional ainda é uma grande barreira, pois apesar de existirem políticas públicas educacionais avançadas, as

escolas regulares, municipais, estaduais e federais estão longe de ser a escola dos sonhos. Busca-se a compreensão do por que tanta dificuldade em se aplicar a Lei da Inclusão das pessoas com deficiências nas escolas pública brasileiras. Desta forma iniciou-se a pesquisa com o intuito de averiguar quais as maiores barreiras enfrentadas nos dias atuais pelos pais e educadores, o que dificulta tanto a Educação Inclusiva no Ensino Fundamental.

II - PROFESSOR DE EDUCAÇÃO BÁSICA FRENTE A INCLUSÃO.

O perfil do novo profissional de deve incluir, portanto, as exigências legais da nova LDB, assim como as atuais reflexões em torno do papel do adulto na educação da criança pequena e portadora de necessidades especiais conferem caráter educativo, as exigências sociais do mundo contemporâneo em constante mutação e a função da escola neste novo contexto.

Assim, torna-se imprescindível estabelecer princípios norteadores, critérios objetivos, orientações precisas e condições que viabilizem a adequada formação dos professores que atuam ou venha a atuar com DM, com vistas a construir gradativamente esse novo perfil.

O novo professor deverá nessa medida ser, um profissional reflexivo, em constante formação pessoal e acadêmica, aberto a mudanças e atento às diversidades e pluralidade das crianças com as quais trabalha, de maneira a oferecer-lhes um atendimento de qualidade. Algumas competências desse novo professor podem ser indicadas com pistas, de forma a facilitar sua identificação entre aqueles profissionais presentes nas redes de ensino ou para garantir condições de formação em serviço para aqueles que visem à melhoria de sua atuação profissional.

É sabido por toda a comunidade acadêmica e institucional, porém, que essas competências ainda não passam de sonhos nas cabeças de poucos e da realização das mesmas depende a melhoria da qualidade de atendimento à

infância em nosso país. Para tanto, faz-se necessário que as instâncias responsáveis preocupam-se em garantir condições, de maneira que não se percam aqueles cujas competências constituídas ao longo de anos de docência sirvam de ponto a construção de sistemas de difusão e formação do novo professor para atuar com essas crianças.

A escola é influenciada por forças "externas" e "internas" a seus muros. Enquanto uma unidade social os "elementos que integram a vida escolar são, em parte, transpostos de *fora*; em parte, redefinidos na passagem, para ajustar-se às condições grupais; em parte, desenvolvidos internamente e devidos a estas condições. Longe de serem um reflexo da vida da comunidade, as escolas têm uma atividade criadora própria, que faz de cada uma delas um grupo diferente dos demais" (Cândido, 1987,p.12-3, grifo do autor).

Nesse sentido a realidade de cada escola deve ser pensada e planejada segundo as suas características específicas, pois, cada "um de nossos países mostra uma forma diferente de expansão de seu sistema público de escola, a qual se liga ao caráter das lutas sociais, a projetos políticos identificáveis, ao tipo de 'modernização' que cada Estado propôs para o sistema educacional dentro de precisas conjunturas históricas. As diferenças regionais, as organizações sociais e sindicais, os professores e suas reivindicações, as diferenças étnicas e o peso relativo da Igreja marcam a origem e a vida de cada escola. A partir daí, dessa expressão local, tomam forma internamente as correlações de forças, as formas de relação predominantes, as prioridades administrativas, as condições trabalhistas, as tradições docentes, que constituem a trama real em que se realiza a educação. É uma trama em permanente construção que articula histórias locais – pessoais e coletivas-, diante das quais à vontade". Estatal abstrata pode ser assumida ou ignorada, mascarada ou recriada, em particular abrindo espaços variáveis a uma maior ou menor possibilidade hegemônica. (Ezpeleta & Rockewell, 1986, p. 11-12).

A escola costuma receber um público heterogêneo. Do simples fato dos alunos serem provenientes de diferentes famílias, diferentes origens, assim como cada professor tem, ele próprio uma origem pessoal e outros auxiliares do trabalho escolar terem também, cada qual com diferentes histórias, permite desenvolver uma experiência de interação na qual cada um aprende e cada um ensina.

A. Organização e planejamento

O professor, antes de colocar em prática qualquer atividades lúdica, deverá organizar-se e traçar um plano de trabalho, considerando para isso:

B. Caracterização dos alunos e do ambiente

Para isso deve considerar os alunos quanto a idade, cultura, nível socioeconômico; os demais educadores da escola, no que diz respeito à consciência, prática, interesse, e os recursos físicos: tamanho da sala, mobiliário e recursos didáticos disponíveis.

C. Adequação aos objetivos

Os jogos são meios que auxiliam na concretização de determinados objetivos e promovem o domínio do conhecimento.

Tenho em mãos os dados do ambiente, o professor poderá fazer um levantamento de jogos ou técnicas e enquadrá-los perfeitamente no plano escolar para auxiliar os alunos a dominar um conhecimento referente a qualquer área de ensino. Esses recursos, denominados também de jogos pedagógicos, têm um valor imprescindível e são absolutamente necessários, pois auxiliam na incorporação de sistemas abstratos e formais. Lembremos, no entanto, que até mesmo uma aula expositiva auxiliada por recursos que atraiam a atenção dos

alunos é um jogo pedagógico. Da mesma forma, uma pesquisa, uma entrevista, uma experiência, uma leitura, um debate, um trabalho em grupo, poderá tornar-se um jogo se conseguir despertar o interesse e a motivação nos alunos.

D. Preparo dos alunos

Antes mesmo de sugerir qualquer tipo de atividade, é necessário que os alunos estejam conscientes e preparados para isso. Preparados no sentido de conhecer as regras e fazer bom uso delas. Nas atividades em que não se discutem as regras, há o risco de instigar a competição e com isso transformar a atividade numa espécie de antijogo, no qual predominam a violência, a transgressão e o subterfúgio.

Há situações em que os próprios alunos estabelecem as regras do jogo. Já em outros momentos cabe ao professor elaborar e discutir as regras com eles. Nos jogos em grupo, por exemplos, os alunos deverão estar devidamente preparados e imbuídos do espírito de cooperação, a fim de que as atividades lúdicas não se transformem em equipe, é preciso que o professor saiba formar adequadamente as equipes e forneça aos alunos noções básicas de relações grupais, a fim de que os jogos grupais não se percam por falta de disciplina e coordenação.

Para melhor desempenho das atividades lúdicas, o professor poderá, juntamente com o grupo, levantar as atitudes básicas que norteiam o bom comportamento dos participantes durante um trabalho de grupo ou na aplicação de um jogo.

E. Execução das atividades lúdicas

Cabe ao professor certificar-se de que os participantes entenderam as regras, as metas e o funcionamento do jogo.

Mesmo que seja capaz de guardar de cor todo o funcionamento e as regras, o professor não deve dar-se ao luxo de confiar na memória. Assim, é

interessante que elabore um roteiro, por escrito, para se sinta mais seguro e não venha a decepcionar os alunos por falta de organização.

No desenvolvimento do jogo, o professor deve transmitir todos os participantes a sensação de que sabe o que está fazendo. Cada palavra ou gesto deve representar entusiasmo e estímulo. É comum, apesar da prévia preparação, haver erros e confusões na primeira aplicação, mas se isso acontecer devem-se anotar as falhas, a fim de que em uma próxima aplicação não se cometam os mesmos erros.

F. Avaliação do resultado da aplicação

A avaliação é um processo contínuo de renovação que, dia a dia, vem sendo enriquecido com várias vivências e experiências. Avaliar não é somente atribuir notas para aprovar ou reprovar o aluno, mas é, antes de tudo, um processo que estuda e interpreta os conhecimentos, habilidade e atitudes dos alunos. “Não surge para punir, mas para verificar se aquilo que foi planejado e executado foi eficiente em relação às mudanças de comportamento”.

Muitos professores que adotaram técnicas modernas de ensino, a partir de situações-problema, queixaram-se de os alunos não obterem êxito nas provas, apesar de ser indispensável o progresso na reflexão.

Deve-se, portanto, verificar o nível estratégico (Piaget) e não a quantidade de conteúdo jogado para o aluno memorizar. Para isso é necessário definir, logo no planejamento, o objetivo a ser atingido, os meios para concretização e os instrumentos de avaliação. Os jogos, por exemplos, possibilitam ao professor observar o desempenho dos alunos durante o desenvolvimento e possibilitam ao próprio aluno participar do processo de avaliação, avaliando os companheiros e se auto-avaliando. A auto-avaliação torna sua participação mais responsável, ajuda-o a assumir a responsabilidade e a

decidir quais os critérios mais importante para si. No início o aluno se perde devido ao fato de nunca ter trabalhado com esse sistema, mas aos poucos ele mesmo vai percebendo que, dia a dia, se renova, melhorando cada vez mais.

Os jogos, em si, não constituem instrumentos de avaliação, mas são estratégias que oferecem ao professor e aos próprios alunos a possibilidades observar o rendimento da aprendizagem, as atitudes e a eficiência do próprio trabalho.

Por meio de boa observação durante o funcionamento do jogo, o professor poderá registrar também as atitudes dos alunos, bem como o espírito de cooperação, o relacionamento, o poder de observação, a atenção, o interesse, o poder de concentração, a comunicação, o desembaraço... a curiosidade, a busca do conhecimento. Mediante essas observações o professor poderá levantar dados de cada aluno e, por meio deles, orienta-lo, conforme suas necessidade, aptidões, interesses e anseios.

Observar as crianças no decorrer de seus jogos é o melhor meio de conhecê-las bem.

3 - A IMPORTANCIA DA MUSICA NO DESENVOLVIMENTO DA CRIANÇA DM.

A Música é um elemento muito importante e vem ganhando espaço nas escolas, sendo incluída no Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil do MEC e pode ser trabalhada também com crianças DM.

Para motivar o interesse do, é necessário trabalhar com as crianças, músicas de curta duração com letras engraçadas, que estimulam a sua fantasia e o seu imaginário.

A música aumenta a sensibilidade das crianças, a capacidade de concentração, desenvolve o raciocínio lógico matemático e a memória, além de ser um forte desencadeador de emoções.

O ensino da música se estenderá para todas as áreas da aprendizagem. Quando a criança esta cantando, tocando ou ouvindo uma música,

está aprendendo muitas coisas como: Folclore, Ciências, Esquema Corporal, Alfabeto, Matemática.

O professor também deve conversar com as crianças sobre o conteúdo da música. Pedir para desenhas sobre a música, dramatiza-la, reproduzi-la através de mímicas, fazer parodias das musicas conhecidas, toca-las na bandinha, fazer um Karaoquê, um programa de calouros, etc.

A aprendizagem acontece sem torturas a partir de aulas que despertam a curiosidade das crianças e envolve brincadeiras e desafios.

Vygotsky vê “a brincadeira como principal fonte de desenvolvimento nos anos pré-escolares” (PAREDES: 35). Através da imitação a criança aprende observando os mais velhos. O ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento.

O educando interagindo em sala de aula com seus professores e colegas, numa relação de troca de conhecimento a aprendizagem se torna espontânea, e o professor é um aliado para o enriquecimento desses conhecimentos e dessa troca.

No processo de interação todos podem aprender inclusive o professor que não só faze parte, mas é a peça fundamental desse meio, ele pode não só promover este intercâmbio como também se tornar parte dele, Segundo (BARBOSA, 2006 p: 12). “A aprendizagem pode acontecer a partir de uma interação direta com o objeto de aprendizagem, ou através da mediação de outra pessoa, realizada através de um instrumento simbólico que pode tomar a forma das várias linguagens hoje existentes”.

O conhecimento do professor é fundamental para orientar, estimular e dirigir a criança no processo de aprendizagem.

Para Piaget “o conhecimento se forma e evolui através de um processo de construção e reconstrução”. Aprender é ir construindo o saber num processo cooperativo.

Segundo Oliveira (1993), 'Ensinar e atender, em algumas culturas é expresso por apenas uma palavra e ele escolheu a palavra aprendizado, em português, por ser a que mais se aproxima de uma palavra capaz de expressar as ações de ensinar e aprender, ao mesmo tempo'. BARBOSA 2006, p. 12

A aprendizagem pode acontecer a partir de uma interação direta com o objeto de aprendizagem, ou através da mediação de outra pessoa, realizada através de um instrumento simbólico que pode tomar a forma de várias linguagens hoje existente.

4 - DIFERENTES TEORIAS CONCEBEM NAS APRENDIZAGENS DE FORMA DISTINTA.

A visão sócio-construtivista acredita que aprender se dá na interação do sujeito com o meio em que se encontra inserido. O sujeito da aprendizagem, chamado por DOLLE (1993) de sujeito psicológico, constitui-se da interação de outros quatro sujeitos: sujeito afetivo, sujeito cognitivo, sujeito social e sujeito biofisiológico, enquanto que o meio é formado pela organização da dinâmica das relações dos sujeitos com os sujeitos naturais, os produtos da cultura, da tecnologia, os quais chamou-o de objetos artificiais, e com as regras institucionais e de convivência social que são construídas ao longo da história e que se diferenciam em cada cultura. (BARBOSA 2006, p. 12)

Esse sujeito que possui várias dimensões que são interdependentes uma das outras, ao interagir com o meio que é dinâmico, do qual também é integrante, desenvolve-se e aprende. Segundo (BARBOSA, 2006 p. 13) ,

“O aprendiz” é, portanto, um ser inteiro e ao mesmo tempo em que possui aspectos comuns a todos os aprendizes, tem uma particularidade que está ligada às interações que estabelece com o meio e com a ênfase dada à dimensão do sujeito e ao elemento do meio no momento da interação.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a realização deste texto, podemos concluir que a partir do momento que a criança começa a andar já procura dominar o seu corpo ainda que seja de sua maneira.

Explorando esse conhecimento caberá ao professor traçar um objetivo a cada etapa do desenvolvimento do aluno, fazendo com que o mesmo sinta-se bem durante as aulas, utilizando as experiências já vividas, dentro dessas experiências é que o educador irá introduzir adaptações nas regras dos jogos e brincadeiras que as próprias crianças propõem, através dessas adaptações é que o professor passará a dominar melhor a turma, pois ele será o mediador de tudo impondo limites, disciplina, respeito um para com outro, onde todos se divirtam e aprendam brincando sem que os fracos e os mais fortes se separem transformando assim em uma turma homogênea, respeitadas as diferenças individuais e sem perder o clima harmonioso durante as aulas, não se preocupando com o rendimento desportivo do aluno e dosando o clima de competitividade da turma.

Durante a execução da Proposta Pedagógica procuramos desenvolver este trabalho buscando compreender a capacidade de percepção dos alunos da classe de ensino-aprendizagem, com isso procuramos proporcionar aos alunos condições de superar as dificuldades que cada um possui, efetivar a ação social e educativa extensiva à comunidade escolar proporcionando aulas atrativas, criativas, alegres, participativas e dinâmicas.

Não quero revelar inovações através das idéias aqui expostas, apenas busquei conhecimentos. Mas contribuir com outros colegas através deste curso, que por sua vez torna útil nos dias atuais. Este curso nos proporciona este momento de troca e experiência fazendo com que nossas idéias sejam divulgadas

e quem sabe contribuindo no desenvolvimento de uma aprendizagem significativa no contexto educacional dos portadores de necessidades especiais. O essencial é considerar os métodos aplicados pelos professores em sala de aula, buscando o máximo de desenvolvimento do aluno. Lembrando que a caminhada histórica da instituição e considerar seus méritos, seus erros e acertos, com a finalidade de que não sejam descartados esses métodos e sim aprimorados.

É necessário redefinir e colocar em prática novas alternativas pedagógicas, desta forma a escola regular poderá atender qualitativamente a todos os alunos, sem a necessidade de controlar e sim aumentar o ritmo de desenvolvimento de cada um deles, para tanto temos que conhecê-lo, identificando e analisar os vários fatores que contribuem para o seu desenvolvimento.

Poderíamos aqui considerar a sua constituição biológica, as suas experiências culturais, o seu processo psicológico próprio, que promovem tais experiências. Essa criança poderá vislumbrar de um ponto de vida evolutivo, percorrendo as fases e os aspectos biológico, psicológico e sociológico, orientados harmonicamente, virão possibilitar sua realização como pessoa e ser social.

Aprendemos que educar, desde os primeiros dias até os últimos, é deixar os outros serem humanos – ensinar, no sentido de educar, é mais difícil do que aprender. Porque quem ensina deve dominar uma maior massa de informações e tê-la sempre pronta a ser utilizada, porque ensinar requer algo muito difícil, complexo e poderoso, requer deixar-se aprender.

Estimular o desenvolvimento de métodos qualitativos de ensino como proposta pedagógica de ação social. Elaborando ações que visem o desenvolvimento intelectual e criativo do educando. Proporcionando uma forma de aprendizado dinâmico, criativo, participativo, auxiliando no desenvolvimento da

consciência, despertando a necessidade da pesquisa, desenvolvendo e estimulando o aprendizado.

6 - REFERENCIAS BIBLIOGRAFIA

BARBOSA, Laura Monte Serrat, **Psicopedagogia: *Um Diálogo Entre a Psicopedagogia e a Educação*** / 2º ed. ver. e ampl. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro, 2006.

BRASIL – PCNs, **Parâmetros Curriculares Nacionais: *Língua Portuguesa*** / Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: Secretaria, 2001.

CÂNDIDO, A. Tendências no desenvolvimento da sociologia da educação. In: PEREIRA, L.; FORACCHI, M. (Org.) **Educação e Sociedade**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

EZPELETA, J.; ROCKWELL, E. **Pesquisa participante**. Traduzido por Francisco Salatiel de Alencar Barbosa. São Paulo: Cortez, 1986.